Dia 5 — São Bonifácio, Bispo e Mártir

São Bonifácio, bispo de Mogúncia e mártir, chamado com razão o apóstolo da Alemanha, foi inglês e teve por nome Winfrido. Nasceu pelos anos de 680, no povoado de Kirton, condado de Devonshire, e seus pais, que eram muito piedosos, criaram-no com o maior cuidado no santo temor de Deus, ainda que nisto tivessem pouco que fazer, pelo belíssimo natural do menino. Ainda não tinha uso de razão e já mostrava inclinação à vida religiosa; pois, antes de completar cinco anos, todo o seu gosto era ouvir falar de Deus e da vida penitente que faziam os santos solitários.

Chegaram a pregar em Kirton uns missionários evangélicos, que se hospedaram em casa de seu pai, e o menino Winfrido aproveitou admiravelmente esta ocasião que lhe oferecia a divina Providência. Ouviu-lhes dizer que, para ser santo, era preciso negar-se a si mesmo e seguir a Jesus Cristo; que a vida religiosa era o caminho mais seguro para salvar-se; e que o mundo era um mar tempestuoso cheio de escolhos e de perigos.

Mal se retiraram os missionários, Winfrido pediu licença a seu pai para entrar num mosteiro. Surpreendeu-o muito a proposta; e, como amava Winfrido mais que aos outros filhos, opôs-se a seu intento e mandou-lhe que não deixasse a casa de seus pais. Obedeceu o santo menino; mas Deus tomou por sua conta o cumprimento de sua vocação. Enviou uma grave enfermidade a seu pai e, persuadido este de que era justo castigo por sua resistência à piedosa resolução de seu filho, sem esperar estar bem convalescido convocou os parentes e, persistindo Winfrido, na presença de todos, na determinação de ser religioso, decidiu-se que um deles o levasse a apresentar no mosteiro de Escancastre.

Logo que o abade Wolfardo viu e reconheceu aquele ar modesto e aprazível, aquele natural vivo e ingênuo, aquele entendimento já formado e aquela virtude como que antecipada, sentiu-se movido a recebê-lo. À vista do fervor com que o santo moço abraçou todos os exercícios da vida religiosa, olharam-no os monges como um dom com que o céu os havia presenteado, prognosticando desde logo que algum dia seria um dos mais ilustres ornamentos da Igreja. Concluídas as provas do noviciado, longe de esfriar, não tendo mais que dez a doze anos, foi um modelo cabal de religiosa perfeição. E, havendo-se observado nele grandes talentos para as ciências, com uma singular inclinação ao estudo, teve-se por conveniente enviá-lo ao mosteiro de Nutscelle, onde floresciam as letras mais que na casa em que tomara o hábito. Ali encontrou um excelente diretor para a virtude e um hábil mestre para as ciências na pessoa do abade Winberto; e aproveitou tanto em pouco tempo em ambas as faculdades que o propunham como modelo a toda a comunidade.

Sendo já um dos mais santos e mais sábios homens de seu século, encarregaram-no de que ensinasse a gramática, a poesia, a retórica, a história e a filosofia aos monges, a quem explicou

também a sagrada Escritura nos sentidos literal, moral e místico. Por seu mérito sobressalente e por sua não menos singular virtude foi julgado digno de ser promovido ao sacerdócio; e, ordenado presbítero aos trinta anos de sua idade, começou a trabalhar na salvação das almas e a instruir os povos pelo ministério da pregação.

Estava escondido este tesouro na província de Winchester quando a divina Providência o manifestou a toda a Inglaterra no tempo em que menos se pensava. Tendo-se reunido os bispos no país de Wessex, onde reinava o religioso príncipe Ina, tiveram necessidade de deputar um eclesiástico a seu metropolitano, o arcebispo de Cantuária, para informá-lo do motivo daquela repentina reunião, que era sobre certo negócio urgente e da maior importância. Propuseram os abades para esta deputação o presbítero Winfrido; e, aprovada pelo sínodo a eleição, desempenhou sua comissão com tanto acerto que daí em diante foi sempre chamado a todos os sínodos.

Sobressaltou-se sua humildade com este sinal de distinção e resolveu mudar de país e ir trabalhar na conversão dos gentios, em terras onde não fosse conhecido. A princípio opuseram-se a este intento seu abade e os demais monges; mas, convencidos depois de suas razões, não somente o aprovaram, mas lhe deram dois religiosos para que o acompanhassem em todas as suas viagens.

Tendo deixado as costas da Inglaterra, onde não fez especial fruto sua pregação, deu fundo nas da Frísia pelos anos de 715. Tampouco aqui foi mais ditoso seu zelo, servindo-lhe de estorvo a guerra que então estava acesa entre Carlos Martel, príncipe dos franceses, e Radbodo, duque dos frisões. Passou a Utrecht, capital então da Frísia, e, não tendo podido alcançar do duque coisa alguma, viu-se obrigado a voltar à Inglaterra e restituir-se a seu mosteiro de Nutscelle. Chegou a tempo em que acabava de morrer o abade Winberto, e não houve em que deliberar para nomear nosso santo por sucessor seu; mas jamais teria aceito a abadia se não tivesse esperança de renunciá-la logo, como efetivamente a renunciou nas mãos de Daniel, bispo de Winchester, assim que o prelado achou um sujeito capaz de governar o mosteiro.

Descarregado já deste peso, determinou ir diretamente a Roma para lançar-se aos pés do papa e pedir-lhe que lhe assinalasse sua missão, persuadido de que sua primeira viagem não tivera efeito por não haver precedido esta diligência de pedir a bênção de Sua Santidade. Informado Gregório II do mérito e da eminente virtude de nosso santo pelas cartas do bispo de Winchester, recebeu-o com grandes mostras de estima e de benevolência; teve com ele longas conversações, nas quais descobriu o fundo de sua sabedoria, prudência e virtude, que o constituíam um dos homens mais grandes e dos mais grandes santos de seu século.

Declarou ao papa o desejo que tinha de dedicar-se inteiramente à conversão dos infiéis; aprovou-lho muito Sua Santidade e, dando-lhe todas as faculdades e poderes necessários para sua missão, escreveu a todos os príncipes que podiam favorecer e contribuir para as empresas de seu apostólico zelo. Com estas faculdades saiu de Roma no ano de 719; e, entrando na Alemanha pela Lombardia, encaminhou-se diretamente à Turíngia para lançar nela a primeira semente da fé de Jesus Cristo, segundo as instruções e ordem que lhe havia dado o sumo pontífice. Obrou nelas grandes milagres, não sendo o menor as grandes conversões que fez; e, tendo purgado em menos de seis meses dos erros do paganismo algumas relíquias da religião cristã que ainda encontrou,

teve o consolo de ver convertida em pouco tempo quase toda a Turíngia.

Soube então que havia morrido o duque Radbodo, inimigo jurado da fé de Jesus Cristo, e partiu para a Frísia, onde se juntou com São Willibrordo, fundador e primeiro bispo da igreja de Utrecht; e cultivou tão ditosamente aquela nova vinha que em menos de três anos se viu todo o país povoado de cristãos e os templos dos ídolos convertidos em igrejas. Achando-se São Willibrordo oprimido com o peso dos anos e dos trabalhos, determinou fazê-lo seu coadjutor; mas mal ouviu Winfrido a proposta, estremecido e assustado escapou-se e foi pregar no país de Hesse. Deteve-se num lugar que então se chamava Amanaburch e depois se chamou Amöneburg; converteu dois senhores e fundou nele um célebre mosteiro. Enfim, cedendo tudo ao maravilhoso zelo de nosso santo, reduziu à fé todo aquele vasto país e levou a luz do Evangelho até o rio Elba.

Ressoava por todas as partes a fama de tantas maravilhas e, chegando aos ouvidos do papa, quis ter o consolo de ver outra vez o novo apóstolo. Obedeceu este e partiu para Roma, depois de ter dado providência nas necessidades espirituais daquela nova cristandade; e foi recebido do sumo pontífice com todas as demonstrações de amor e de estima que mereciam seus grandes serviços e sua virtude. Bendisse a Deus pelos felicíssimos sucessos com que se havia dignado acreditar seus apostólicos trabalhos; e, considerando o grande bem que resultaria à Igreja se um homem como aquele fosse elevado à dignidade episcopal, sem dar ouvidos a sua repugnância nem a suas representações, o próprio papa o consagrou bispo no dia de Santo André de 723, mudando-lhe o nome de Winfrido no de Bonifácio.

Cumulado de honras e de bênçãos de Sua Santidade, restituiu-se o novo bispo à sua amada missão, onde trabalhou com todo o poder que lhe dava a dignidade episcopal. Pregou sempre com maravilhoso fruto; e, administrando o sacramento da confirmação aos que havia batizado, pela graça e fortaleza que com ele se lhes comunicava, renovou-se o espírito e o fervor naquela terna e recém-nascida igreja. Mandou cortar uma árvore tão velha como extraordinariamente corpulenta, que chamavam a força de Júpiter e era ocasião de inumeráveis superstições, cuja madeira empregou na fábrica de uma capela que edificou em honra do apóstolo São Pedro. Depois que viu tão florescente a religião cristã no país de Hesse e na Saxônia, fez outra viagem à Turíngia, onde em pouco tempo voltou a despertar em todos o espírito da verdadeira virtude; e, deixando nela zelosos pregadores, foi levar a luz da fé ao ducado da Baviera. Desterrou dele um pernicioso ministro do demônio chamado Eremwulfo, que, misturando mil superstições gentílicas com alguns ritos e cerimônias cristãs, inficionava o país enchendo-o de grosseiríssimos erros.

Pelos negócios das igrejas viu-se obrigado a voltar pela terceira vez a Roma no ano de 738, onde foi recebido do papa Gregório III ainda com maiores demonstrações de amor e de estima que de seu predecessor. Quis Sua Santidade que assistisse a um concílio que havia convocado; e, depois de havê-lo ouvido resolver algumas dúvidas sobre diferentes pontos de disciplina no tocante à Alemanha, deu-lhe licença para que voltasse a continuar sua apostólica missão.

Tomou o caminho direto da Baviera, onde o duque Odilão o havia convidado e onde só havia um bispo, chamado Vivilão, enviado por Gregório III depois das conversões que Bonifácio havia feito. Aumentado o rebanho, foi mister aumentar também o número dos pastores; e, usando Bonifácio da potestade que lhe havia dado o sumo pontífice, erigiu outros três bispados, escolhendo por capitais

as cidades de Salzburgo, Frisinga e Ratisbona. Na bula em que o papa confirma a ereção destes três bispados, rende muitas graças a Deus, que por sua misericórdia fez entrar cem mil almas no grêmio da Igreja, sendo sua conversão fruto das fadigas de Bonifácio e da proteção com que Carlos Martel o havia favorecido; nomeia nosso santo legado *a latere* da Sé Apostólica; e exorta-o a que não fixe sua residência em algum lugar determinado, mas que visite e percorra toda a Alemanha, levando por toda ela a fé de Jesus Cristo.

Não podia o papa mandar-lhe coisa mais do seu gosto. Percorreu todo aquele vasto país com infinitos trabalhos, mas com um fruto muito correspondente à imensa dilatação de seu zelo. Erigiu outros quatro bispados: um em Erfurt para a Turíngia; o segundo em Büraburg para Hesse, o qual depois se transferiu para Paderborn; o terceiro em Eichstätt para a Baviera; e o quarto em Würzburg para a Francônia. Pouco depois convocou um concílio no qual se formaram cânones muito úteis para a reforma dos costumes e o restabelecimento da disciplina eclesiástica. Tantas e tão maravilhosas obras necessariamente haviam de ser fruto de imensos trabalhos, e é fácil conceber quanto teria o santo que padecer na conversão de tantos povos, ainda incultos, indóceis e bárbaros. Mas nada lhe pareciam os jejuns, as penitências, as fadigas, enquanto seus portentosos trabalhos não merecessem ser coroados com a coroa do martírio: «Todo o objeto de minhas ânsias (escrevia a Cutberto, arcebispo de Cantuária) é derramar meu sangue pela fé de Jesus Cristo e em defesa do Evangelho. Combatamos pelo Senhor, pois nos achamos em tempos de aflição. Morramos, se Deus o quiser, pelas leis de nossos pais, para chegar com eles à herança eterna. Não sejamos cães mudos, sentinelas adormecidas ou mercenários que fogem à vista dos lobos. Sejamos pastores cuidadosos e vigilantes, pregando a todos sem exceção de pessoas e não lisonjeando o pecador.»

Convocou depois outros dois concílios: um em Estinnes, no bispado de Cambrai, no ano 744; e o outro no ano seguinte em Soissons, de onde parece inferir-se que também era legado da Sé Apostólica na França.

A guerra que em todas as partes declarava ao vício e à heresia foi causa de que padecesse muitas perseguições, particularmente por parte de alguns eclesiásticos relaxados. Aldeberto e Clemente, ambos públicos hereges, exercitaram muito sua paciência e sua virtude; o primeiro foi condenado pelo concílio de Soissons, e o segundo pelo papa Zacarias, que sucedeu a Gregório.

Mas os graves negócios de sua legacia não serviram de estorvo aos trabalhos de seu apostolado. Como ia crescendo a messe, foi mister chamar novos obreiros, e assim fez vir da Inglaterra muitos santos monges para governar os mosteiros que havia fundado. Chamou as santas Tecla, Lioba, Valburga, Vertigita, Contrude, a quem encarregou o governo dos mosteiros de virgens, já fundados por Bonifácio na Turíngia, na Baviera, em Kitzingen e em outras partes. Nem o cuidado pastoral de tantas igrejas lhe impedia atender à direção espiritual de muitas almas particulares, encaminhando-as à mais alta perfeição. A seus saudáveis conselhos se atribuem os grandes progressos que fez na virtude o príncipe Carlomano, duque dos francos , que, renunciando às grandezas do mundo, abraçou a vida religiosa para vagar unicamente ao cuidado de sua eterna salvação. Era tão grande a fama da santidade de Bonifácio que, sendo reconhecido por rei dos francos Pepino, irmão segundo de Carlomano, quis ser consagrado por nosso santo, como o executou, celebrando-se em Soissons esta augusta cerimônia.

Até aqui São Bonifácio, como legado da Sé Apostólica, em nenhuma parte havia fixado sua residência; mas, tendo vagado neste tempo a sé episcopal de Mogúncia por haver sido deposto Gervordo, o papa Zacarias, que não o estimava menos que seus dois antecessores, obrigou-o a aceitar esta igreja, depois de havê-la erigido em arquiepiscopal e metropolitana, nomeando por sufragâneos seus os bispados de Liège, Utrecht, Colônia, Worms, Spira, Estrasburgo, Constança, Coira, Augsburgo, Eichstätt, Würzburg, Erfurt e Büraburg. Mas logo renunciou esta dignidade, porque, lembrando-se perpetuamente de que estava dedicado à conversão dos infiéis, não pôde sossegar até desembaraçar-se dela; e, excitando-se com novo ardor seu zelo pela conversão das nações do Norte, depois de ter obtido licença do papa Zacarias para renunciar o arcebispado em seu discípulo São Lulo, partiu para a Frísia setentrional, servindo-lhe como de presságio de sua morte o ardente desejo que tinha do martírio. Deu as providências convenientes às igrejas de sua legacia e tomou o caminho das costas mais retiradas da Frísia, acompanhado de São Eobano, bispo de Utrecht, de três presbíteros e de quatro monges, os quais todos o ajudaram com tanto zelo e com tanta felicidade que, logo que chegou, converteu muitos milhares de pessoas.

Depois que batizou grande número delas na vigília de Pentecostes, assinalou um dia da semana para conferir a todas o sacramento da confirmação; e, por serem tantas, determinou celebrar esta função no campo. Escolheu para isto a planície de Dokkum, perto do pequeno rio Borne. Os sacerdotes dos ídolos, raivosos de ver abatidos seus templos em toda parte, juntando uma tropa de gentios, vieram lançar-se sobre os santos missionários com as espadas nuas. Vendo o santo cumpridos seus fervorosos desejos, pôs-se de joelhos e, levantando os olhos e as mãos ao céu, rendeu mil graças ao Senhor pela mercê que lhe fazia de que terminasse seus trabalhos apostólicos com a coroa do martírio. Voltando-se depois a seus amados companheiros, exortou-os a dar generosamente seu sangue pela fé de Jesus Cristo, representando-lhes quanto iam ganhar em trocar uma vida breve, cheia de misérias e de tribulações, pela eterna e feliz da bem-aventurança. Não o deixaram os bárbaros passar mais adiante e, arrojando-se sobre ele, tiraram-lhe a vida a cutiladas, juntamente com o bispo Eobano, com os três presbíteros, os três diáconos, os quatro monges e mais de quarenta pessoas dos fiéis que estavam já dentro da tenda. Assim conseguiu São Bonifácio, apóstolo da Alemanha, a coroa do martírio com outros cinquenta e dois companheiros, participantes da mesma ventura, no dia cinco de junho do ano 754 ou 55, aos 74 de sua idade, 36 de seu episcopado e aos 40 de sua entrada na Alemanha. Seu santo corpo foi conduzido a Utrecht; dali em pouco tempo foi trasladado a Mogúncia e, enfim, a Fulda, por São Lulo, bispo, como o havia desejado o próprio santo. Com ele foram também levados os livros que tinha consigo e que os gentios, depois de morto, haviam lançado por aqueles campos, conservando-se ainda hoje três deles: um contém os cânones do Novo Testamento; outro, que ainda se vê tinto com o sangue do santo mártir, é a carta de São Leão a Teodoro, bispo de Fréjus, com algumas outras obras dos santos Padres; e o terceiro, que se crê ser da mão do próprio São Bonifácio, é um livro dos evangelhos. As cartas de São Bonifácio, tanto aos papas como aos príncipes, que recolheu e publicou o padre Serário, mostram seu grande talento e seu fervoroso zelo pela salvação das almas e reforma dos costumes, não menos que sua profunda humildade e a delicadeza de sua puríssima consciência.

Martirológio Romano

No Egito, a festa dos santos mártires Marciano, Nicanor, Apolônio e outros que alcançaram seu glorioso martírio durante a perseguição de Galério Maximiano.

Em Perúsia, os santos mártires Florêncio, Ciríaco e Faustino, que foram decapitados na perseguição de Décio.

Em Cesareia da Palestina, o martírio das santas Zenaida, Cira, Valéria e Maria, que chegaram jubilosas ao martírio por meio de muitíssimos tormentos.

Em Tiro, São Doroteu, presbítero, que padeceu muito no tempo de Diocleciano e, chegado até os tempos de Juliano, sob este tirano honrou com o martírio sua avançada idade de cento e sete anos.

No mesmo dia, São Bonifácio, bispo de Mogúncia, o qual, tendo ido da Inglaterra a Roma e sido enviado à Alemanha por Gregório II para pregar a fé de Jesus Cristo àqueles povos, mereceu ser chamado o apóstolo dos germanos, por ter submetido à fé cristã inumerável multidão, principalmente entre os frisões; por último, degolado na Frísia por uns gentios furiosos, consumou seu martírio com Eobano e alguns outros servos de Deus.

Em Córdoba, na Espanha, o jovem São Sancho, que, embora criado na corte, não vacilou em padecer martírio pela fé de Jesus Cristo durante a perseguição dos árabes.

Em Clermont, na Auvérnia, o falecimento de Santo Aliro, bispo.

No dito lugar, São Genés, conde da Auvérnia.

Em Viena, Santo Austeberto, bispo.

Em São Savino de Lavedan, em Bigorra, Santo Elsiário, monge.

Perto de Roma, no caminho de Ardea, Santa Felicidade, São Saturnino e outros vinte e três mártires.

Em Como, Santo Eutíquio, bispo, cujo corpo está sepultado debaixo do altar-mor de São Jorge de Vico.

Em Hesse, São Félix de Fritzlar, monge e mártir.

Em Paderborn, o beato Meinvério, bispo.

Missa (oração)

A missa é do comum de mártir e pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Bonifacii martyris tui atque pontificis annua solemnitate lætificas: concede propitius; ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Bonifácio, concedei-nos que nos regozijemos também com a proteção daquele cujo nascimento ao céu celebramos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** 3 Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, 4 qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. 5 Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. 6 Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : 7 ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: 3 Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, 4 o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. 5 Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. 6 Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: 7 para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Nota

«Informado São Paulo do bom efeito que havia feito sua primeira carta aos Coríntios, escreveu-lhes a segunda, mostrando-lhes seu gozo pelo bom estado em que lhe diziam achar-se aquela igreja; consolo que adoçava os trabalhos que padecia para anunciar-lhes o caminho da salvação, confessando que seu fervor lhe recompensava bem todas as suas fadigas.»

Reflexões

Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações. Se no serviço de Deus há muitos trabalhos, também há muitos consolos; estes se acham até no mesmo que se padece; e quando Deus nos consola, perdeu toda a sua amargura a tribulação. Verdadeiramente é digno de admiração que muitos não acertem a conceber como pode fazer-se requintadamente doce o mais amargo e mais áspero que se encontra em seu serviço; ao mesmo tempo que os escravos do mundo encontram não sei que fantasma de gosto em seus maiores trabalhos, embora os que padecem por servi-lo sejam incomparavelmente maiores que os que se experimentam no serviço de Deus. Sem dúvida é mister ou um motivo muito poderoso ou um atrativo muito forte para expor-se aos riscos de uma batalha, de uma brecha ou de um assalto; para padecer as incomodidades que são inevitáveis num exército; trabalhos insofríveis; marchas fatigosas; pontualidade excessiva; obediência sem réplica; falta total de tudo; rigores da estação; inquietações, enfados, dissabores, contínuas obrigações do ofício. Não se padece tanto, nem de longe, no serviço de nosso bom Deus. Com tudo isso, aquelas pessoas delicadas a quem um só dia de jejum que manda a santa Igreja assusta, o nome só de penitência espanta; essas mesmas delicadíssimas pessoas, esses filhos únicos das casas, acham singular gosto no exército, e muitas vezes sem esperança de outra recompensa que a inútil memória de haver padecido tanto; e não se crerá que os verdadeiros servos de Deus gostem um verdadeiro, mas delicadíssimo prazer no exercício mesmo da penitência; aqueles a quem o mesmo Deus consola no meio das tribulações; aqueles a quem fortalece e sustenta em seus maiores trabalhos; aqueles que estão seguros de que não se perderá nem um só de seus cabelos; aqueles, enfim, a quem Deus tem prometida uma bem-aventurança sem fim, uma recompensa eterna? Deste fundo de consolo nasce neles aquela igualdade inalterável, aquela imperturbável tranquilidade, aquela interior alegria que nenhum humano sentimento pode perturbar e que absolutamente ignoram os mundanos. Percorre com o pensamento todos os estados do mundo; nenhum acharás que não seja uma insofrível escravidão para os que nele se acham; e no meio disso ainda se quer persuadir que só é penoso o caminho da perfeição, a vida ajustada e o exercício da virtude. Insigne extravagância! Donde é preciso concluir que, assim como no mundo só se sustenta a imaginação de quimeras, assim o entendimento não acerta a discorrer senão desatinos, fundados em suas disparatadas preocupações. Sendo isto assim, que admiração causará ver reinar nele a desordem e o erro?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, 30 dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? 31 Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? 32 Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. 33 Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: 26 Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. 27 E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. 28 Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, 29 para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, 30 dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? 31 Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? 32 D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. 33 Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Dos motivos que temos para trabalhar incessantemente no negócio de nossa salvação

Primeiro ponto

Considera quanto fez Deus por nossa salvação. Podia parecer que sua felicidade dependia da nossa, segundo o afã, por assim dizer, e a ocupação que mostra em solicitar-nos nossa bem-aventurança. Admira as miudezas a que desce Jesus Cristo em todas as lições que nos dá em seu sagrado Evangelho, singularmente no deste dia; penetra seu sentido e pondera bem todas as palavras.

Tendo criado Deus o homem livre, fazendo-o dono de seu coração, que não fez e que não faz para que voluntariamente se lhe entregue? Pede-lho, solicita-o, aperta-o, servindo-se já de promessas, já de ameaças; nada omite para ganhá-lo. Mas a que fim tanto empenho, tanto apuro? É porque depende de nós sós o perdermo-nos, e Deus deseja apaixonadamente nossa salvação.

Temos compreendido bem alguma vez o mistério de nossa redenção? Somos capazes de compreendê-lo? Deu Deus tudo, digamo-lo desta maneira, para fazer-nos conhecer quanto nos ama, quanto deseja nossa eterna felicidade. Ter-se-ia podido jamais imaginar que Deus se fizesse homem só para salvar os homens? Com tudo isso, obrou Deus esta maravilha; e, sendo tão grande, ainda lhe pareceu pouca para empenhar-nos em amá-lo. Quis que trinta e três anos de uma vida cheia de pobreza e de trabalhos se terminassem com a mais cruel morte. Tanto vale nossa alma: todos os trabalhos, todo o sangue, a vida e a morte de um Homem-Deus! A muito menor preço pôde sem dúvida comprá-la; mas não quis dar menos. Jesus Cristo coberto de opróbrios; Jesus Cristo despedaçado a açoites; Jesus Cristo expirando num madeiro: tudo isto custou nossa alma; será pouca coisa perdê-la?

Não julgou Deus que comprava muito cara nossa salvação, fazendo tudo o que fez; e parecerá a nós que fazemos demasiado por ela? Mas quem poderá jamais fazer demasiado para salvar-se?

Que interesse tem Deus em que nos salvemos? E com tudo isso, poderia fazer mais, ainda que tivesse o maior? E nós (que te parece), teremos algum interesse em salvar-nos? Mas podemos fazer menos!

Neste mesmo ponto há no inferno milhões de milhões de almas raivosas, desesperadas por não haver feito o que ainda posso fazer eu; e eu mesmo raivarei e me desesperarei com elas se não o tiver feito. Que outro motivo é mister para trabalhar nisto incessantemente e sem intermissão? Todos queremos levantar a grande fábrica de nossa salvação sem fazer a conta do custo que nos há de ter. Oh, que imprudência! São Bonifácio e todos os demais santos não fizeram mais do que fazemos nós para salvar-se? Estariam hoje no céu se não tivessem feito mais? Meu Deus, que matéria esta para grandes reflexões!

Segundo ponto

Considera que todas as coisas nos são motivo para trabalhar em nossa salvação; todas nos persuadem que devemos trabalhar nela incessantemente, sem descanso e sem levantar a mão da lavoura. A multidão dos estorvos, a frequência dos perigos, a inconstância de nosso coração, a ligeireza de nosso ânimo, a velocidade do tempo, o curto número de nossos dias, a brevidade da vida: tudo nos clama, tudo nos prega que não temos negócio mais importante que o da salvação; que nenhum pede mais aplicação nem mais zelo, e nenhum sofre menos dilação.

Temos dilatado até agora o atender a este negócio, confessamos que nada ou quase nada temos trabalhado nele, não obstante os grandes motivos que temos tido para fazê-lo e no meio de que muitas vezes o temos projetado e até resolvido. Mas escusamos nossa covardia com vários pretextos, e a maior de todas as razões é que nunca tivemos vontade eficaz. Enquanto isso

passaram-se os dias de nossa vida; aqueles dias que Deus nos deu para trabalhar em nossa salvação; aqueles dias contados; já estou tocando a sepultura com o pé; vai declinando o dia, aproximando-se as sombras da noite, daquela noite em que já nada se pode fazer. E, contudo, ainda dilato o trabalhar em minha salvação!

Graças a Deus, ainda nos achamos em estado de poder trabalhar nela. Estamos seguros de que este é o tempo e de que Deus nos brinda agora com sua graça para fazê-lo: a prova são estas mesmas reflexões que fazemos e este mesmo ditame que formamos: quem nos disse que não seja este aquele importante momento de que depende nossa predestinação? Estou seguro de que com o auxílio da divina graça posso no presente assegurar minha salvação eterna por meio de uma sincera conversão; tenho grande motivo, pelo menos, para duvidar que, se agora não me converto, não me acharei em estado de converter-me jamais. E tenho valor para diferi-lo nem por um só momento!

Ao menos estimemos nossa alma tanto como o demônio a estima. Seria justo que fizéssemos tanto empenho para salvar-nos como faz o demônio para perder-nos. É, sem dúvida, vergonhosa esta comparação. Contudo, é muita verdade que o demônio aprecia muito mais nossa alma do que nós a apreciamos. Não obstante ser tão orgulhoso e tão soberbo, abate-se às mais baixas, às mais indecentes ações só por perder uma alma; e, por mais tempo que esta lhe resista, nem por isso se dá por vencido, nem se cansa, nem desiste, nem sequer se acovarda. Que alerta está para tentar-nos! Que destro em aproveitar as menores ocasiões de perder-nos! Meu Deus, será possível que hajamos de aprender do demônio a estima que devemos fazer de nossa alma! E será possível que um cristão necessite fazer esta reflexão para encontrar motivos que o incitem a trabalhar seriamente no negócio de sua salvação eterna!

Senhor, será isto porque vós não fizestes ainda bastante para salvar-me, e porque fosse mister buscar razões em outra parte para formar uma justa ideia do que vale minha alma? Envergonho-me só de pensá-lo. Aqui, Senhor, invoco vossa graça, porque estou muito resolvido a não dilatar nem um só instante minha sincera conversão.

Jaculatórias

> *Justificationem meam, quam cœpi tenere, non deseram.* Jó 27.

Não, Senhor; não abandonarei o propósito que faço de trabalhar continuamente em minha salvação.

> *Adhæsi testimoniis tuis, Domine: noli me confundere.* Sl 118.

Comecei, Senhor, desde hoje a guardar vossa divina lei com fidelidade; não me confundais e dai-me o dom da perseverança.

Propósitos

1. Pouca razão e até pouca religião é mister para convir facilmente na importância da salvação, nos poderosos motivos que temos para trabalhar nela sem dilação e na insigne loucura dos que dilatam este espinhoso negócio para a hora da morte. Mas de que servirá esta confusão? Depois que tu mesmo condenaste assim tua insensibilidade no ponto da salvação, como tua covardia e tua grande indiferença, que fruto tiraste de todas as reflexões que fizeste sobre tuas desordens passadas, sobre o ditame que formas no presente e sobre os justos temores que te sobressaltam acerca de teu futuro destino? É possível que sempre te hás de contentar com desaprovar tua conduta sem passar a reformá-la? Começa desde hoje a pôr mãos à obra. Convencido já do inestimável preço de tua alma, por quanto custou, nada digas, nada faças, nada empreendas sem considerar primeiro se será ou não em prejuízo seu. Admirado do que fez o Redentor do mundo por tua eterna salvação, determina desde a manhã o que hás de fazer tu por ela naquele dia. Dizes que não tens tempo para meditar nem sabes ter oração: passe; mas sabe que terás feito uma excelente meditação, ou ao menos alcançarás o fruto da mais perfeita oração, se pela manhã determinas em particular o que hás de fazer naquele dia para merecer o céu. Este exercício é excelente.

2. Os propósitos gerais, de ordinário, de nada ou de pouco servem; em ordem aos atos de virtude há de se descer a coisas particulares. Determina, pois, certas obras, certos exercícios espirituais que hajas de fazer puramente pelo motivo de tua salvação; por exemplo: uma confissão, uma comunhão extraordinária, visitar os enfermos nos hospitais, alguma esmola a pobres envergonhados, uma visita de atenção, algum obséquio àquela pessoa ou pessoas de quem estás queixoso ou ofendido, que não são teus amigos, uma visita ao Santíssimo Sacramento e outros semelhantes.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:57 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:57 by Admin